

A filosofia e o valor da história em Nietzsche. Uma apresentação das *Considerações extemporâneas**

Céline Denat**

Resumo: Partindo da análise do significado dos termos “consideração” e “extemporâneo”, este artigo visa a apontar para a centralidade da segunda parte da *Considerações extemporâneas, Da utilidade e da desvantagem da história para a vida*, haja vista lá se estabelecer uma íntima relação entre filosofia e história.

Palavras-chave: história – consideração – extemporâneo – filosofia – cultura

Escritas logo após *O nascimento da tragédia*, que, por conta de um duplo mal-entendido, foi reduzido pela maior parte dos leitores a um texto cujo propósito era ou estritamente filológico ou um elogio da música wagneriana pretensamente concebida como “renascimento da tragédia”, as *Considerações extemporâneas* podem ser entendidas como uma tentativa de pôr um termo a esses mal-entendidos. Elas seriam, como observa C. P. Janz, a maneira pela qual “tornou-se pública a vocação filosófica” de Nietzsche.

Assim procedendo, Nietzsche visa a esclarecer sua singular maneira de conceber o empreendimento filosófico, que é, de um lado,

* Tradução de Ivo da Silva Júnior.

** Professora da Universidade de Reims Champagne-Ardenne.

indissociável do questionamento da cultura – como bem mostra a identificação que ele faz nesta época do filósofo com um “médico da cultura” (KSA 7.545, Nachlass/FP 23 [15]); e, de outro lado, indissociável de um questionamento histórico, que, aliás, já estava presente no *Nascimento da tragédia*, embora evocasse neste livro a cultura antiga grega seja para questionar, seja, se o caso, para “curar” os defeitos inerentes à cultura moderna. No entanto, nas *Considerações extemporâneas* esse ponto de vista muda: é a cultura moderna – e não mais a grega – que passa a ser o objeto imediato e polêmico da reflexão¹. Tanto que Nietzsche se interessa em pensar, particularmente na segunda parte das *Considerações extemporâneas*, os motivos e as modalidades da referência filosófica à história e às culturas passadas.

É essa relação entre filosofia e história que eu tentarei esclarecer ao estudar o (1) título, as (2) problemáticas diretoras e a (3) estrutura das *Considerações extemporâneas*. Espero com isso apresentar uma introdução à leitura desses textos.

(1) O título: por que escrever *Considerações extemporâneas*?

Como ponto de partida, atentemos para o título genérico que Nietzsche pretendeu dar para os treze estudos que escreveria² –

¹ Voltando-se para e contra a “atualidade”, Nietzsche aumenta o teor polêmico de seus escritos. Com isso, pensa aumentar as chances de ser compreendido. É por essa razão que ele apresenta as *Considerações extemporâneas* como uma “arma” suscetível de “quebrar” e de acordar seus leitores (KSAB 4.219, Carta a Carl Fuchs de 23 de abril de 1874). É ainda por esse motivo que ele falará no *Ecce Homo* tanto de ataques como de “duelos” – o duelo sendo, segundo uma fórmula de Stendhal, “a melhor maneira de entrar no mundo” e de ser notado.

² Nietzsche pretendia escrever uma “*Consideração*” por mês. Encontramos uma descrição desse projeto no fragmento 19 [330] (KSA 7.520).

projeto que, como se sabe, permaneceu inacabado. Por que escrever *considerações* e por que elas deveriam ser *extemporâneas*?

1 – O primeiro termo, *considerações*, deve, sem dúvida, ser analisado. Em alemão, como, aliás, em certa medida em francês, “considerar” implicar uma tripla nuance de sentido. Em primeiro lugar, há uma significação sensível ou empírica. Trata-se então de “observar”, de “olhar” para isto para o qual não prestamos atenção, embora habitualmente estejam sob os olhos. E como não fazemos isso, nunca nos interrogamos sobre aquilo para o qual Nietzsche chama nossa atenção, ou seja, a aparência como tal e as “pequenas coisas”, que são freqüentemente negligenciadas e desprezadas pelos filósofos. Em segundo lugar, o termo “considerar” tem, por extensão, uma conotação anti-idealista. A atividade do filósofo se encontra determinada aqui não por uma exigência de “pensar” ou de “conceber” abstratamente, mas por uma exigência de “ver” o que muito freqüentemente é ignorado ou deixado de lado por ser indigno de interesse filosófico³. Por último, o termo “considerar” implica uma significação e uma exigência de ordem axiológica. Levar em consideração um objeto é também pensar o valor, ou seja, é tê-lo por mais ou menos “considerável”, mais ou menos digno de interesse no que concerne à reforma ou ao processo de “cura” a que deve conduzir o “filósofo médico da cultura”.

A esse respeito, prestemos atenção a uma das importantes formulações do prefácio da *Segunda consideração extemporânea*: considerar “o valor e o não-valor” da história. Esta formulação indica

³ Notaremos que é o mesmo verbo que introduz a segunda parte das *Considerações extemporâneas*: “Observe o gado que pasta sob os olhos...”, convidando, num primeiro momento, a um espetáculo de aparência forte pouco filosófica, mas que abre a uma reflexão sobre a temporalidade da existência humana, a memória e a história.

o caráter extremamente nuançado e a dificuldade dessa “consideração”, dessa “avaliação”; não aponta para uma tese acabada e sem nuanças no que concerne ao valor *ou* à ausência (absoluta) do valor da história em geral ou mesmo nas três formas de história que Nietzsche formula. Numerosos comentários traem este texto de Nietzsche quando apontam uma preferência do filósofo por uma dessas formas de história, mesmo quando ele se dedica à tarefa oposta, qual seja, a de procurar variar seus pontos de vista para pensar o valor da história em função das circunstâncias e dos males (culturais) particulares a serem curados.

Devemos dizer que essa perspectiva axiológica faz com que essas considerações sejam “extemporâneas”. E isto é paradoxal, pois, para interrogar o valor de sua cultura atual, é preciso ser um pensador “extemporâneo”, isto é, não submisso ao “espírito de seu tempo” (*Zeitgemäss*). Talvez por isso Nietzsche se considere sinônimo de *ausência* de espírito (CoExt.IV § 6, KSA 1.462 e segs.).

2 – O que é, pois, ser “extemporâneo”? Extemporâneo (*unzeitgemäßig*) não é “intemporal”. Se o pensador “extemporâneo” se caracteriza por tomar certa distância, esta distância não diz respeito à temporalidade ou à historicidade como tais, mas refere-se apenas a *este* tempo, a esta época que é a sua, isto é, à atualidade e os valores que lhe são próprios. Talvez por essa razão, de maneira irônica, mas carregada de sentido, Nietzsche designe, em sua correspondência, as *Considerações extemporâneas* como sendo “suas ‘inconveniências’ ou suas ‘não-conformidades’” (*Ungemässheit*) (KSAB 4.187, Carta a Erwin Rohde de 31 de dezembro de 1873). O pensador extemporâneo, parecido com o espírito livre, é aquele que tem a capacidade de pensar de outro modo, de não permanecer ligado àquilo que sua época mais reverencia e àquilo a que se é, sem dúvida, espontaneamente ligado. Como diz Blondel, o extemporâneo se caracteriza por uma decalagem no que concerne ao tempo presente. Ele é “démodé”,

visto que tal é o sentido que designa também à linguagem comum a este epíteto. Pode-se dizer que a primeira extemporaneidade do extemporâneo consiste em considerar virtude aquilo que a modernidade percebe como um grande defeito: não ser “de seu tempo”.

Essa decalagem ou essa distância não deve ser compreendida como uma capacidade negativa de abstração do tempo presente, de ignorância ou esquecimento, mas ao contrário, como capacidade positiva de adotar, como respeito a esta época mesma, o ponto de vista de outras épocas, como também de outros lugares, isto é, dito de um modo mais geral, de outras culturas. É por esta razão que Nietzsche recorre desde os seus primeiros escritos à figura do estrangeiro e do viajante como figuras do pensador autêntico, afirmando assim que “só se pode ser filósofo no estrangeiro”. É por essa razão que encontramos em certos rascunhos, como subtítulo das *Considerações extemporâneas*, “Considerações extemporâneas de um estrangeiro” (KSA 7.604, Nachlass/FP 27 [57]).

Ser extemporâneo, ser de alguma maneira estranho a seu tempo aparece como condição necessária de toda consideração; mais ainda, de toda avaliação filosófica da cultura atual. É preciso assim ser capaz de se desprender desta cultura e adotar pontos de vista distintos e distantes dela, de compará-la, sobretudo com outras culturas. Basta vermos o segundo e terceiro parágrafos da terceira *Consideração extemporânea*: “O filósofo deve avaliar com precisão sua época por comparação a outras”, pois sua tarefa consiste em “determinar valores” disto que se perfaz como nossa experiência presente. Noutras palavras, em “legislar pela medida, a moeda e o peso das coisas”.

Longe de estar fora do tempo, o extemporâneo é antes aquele capaz de alguma maneira de se pôr de modo diverso no tempo, em épocas e culturas variadas, de se lançar a outros horizontes possíveis, longe da estreiteza e da univocidade do “espírito do tempo” que conduz a não mais querer “espantar-se”, “procurar, experimen-

tar” – segundo o que Nietzsche nos diz nos dois primeiros capítulos da primeira *Consideração extemporânea*.

Por ser simultaneamente “filho de seu tempo” e “discípulo” de épocas mais distantes, o extemporâneo é aquele que pode trabalhar ao mesmo tempo “a favor” e “contra” seu tempo, “em benefício de um tempo” e de uma cultura futura.

Tudo isto nos leva a dizer que as *Considerações* visam a dar início à tarefa de “auscultação” que deve ser necessariamente o primeiro momento do trabalho do “médico da cultura”. De início, é preciso determinar os sintomas se quisermos determinar o mal de que a cultura moderna passa, para, em seguida, trazer-lhe um remédio. Para retomar brevemente nas palavras de Sarah Kofman, as *Considerações extemporâneas* são escritos “destinados a diagnosticar os males da atual civilização e a indicar os remédios” possíveis.

Como efetuar com justeza essa “auscultação”, essa avaliação? É o que tentarei determinar ao mostrar as linhas diretoras do questionamento nietzschiano nesses textos, assim como a sua organização.

(2) *As linhas diretoras do questionamento: a cultura, a vida, a (trans)formação do homem.*

No período das *Considerações extemporâneas*, Nietzsche traça quatro grandes linhas diretoras do seu questionamento (acima citadas), ligadas a cinco termos, que servirão para esclarecer e explicitar o que não foi feito em *O nascimento da tragédia*.

1 – A primeira grande questão que Nietzsche traz na primeira parte das *Considerações extemporâneas*, diz respeito, sem dúvida, à cultura, de uma cultura que atualmente não existe. É por essa razão que ele traz ao mesmo tempo uma definição, e, sobretudo, um critério

para a cultura. Conforme afirma no parágrafo quatro da segunda parte das *Considerações extemporâneas*, a cultura é “unidade de estilo que se manifesta em todas as atividades de um povo”.

Essa definição e esse critério permitem compreender as razões da fraqueza ou até mesmo inexistência da cultura atual. Segundo Nietzsche, a época moderna confunde a cultura com uma simples acumulação de saberes teóricos variados, com a erudição enciclopédica. Somos de uma época que “matiza” as culturas e os estilos, e um modo de vida dispersado, sem unidade e, por conseqüência, sem força.

2 – A essa primeira questão encontramos estreitamente ligada, como bem mostra a citação anterior, à questão da vida. O “estilo”, na obra de arte, assim como na vida de um indivíduo ou de um povo, é o que permite disciplinar, organizar e hierarquizar uma multiplicidade caótica. A verdadeira cultura não se define pois como um conjunto de saberes, mas como uma certa força, que Nietzsche designa como força artística e, na segunda parte das *Considerações extemporâneas*, como “força plástica”, que faz a “unidade da vida de um povo” (KSA 7.511, Nachlass/FP 19 [298]).

Inversamente, é preciso ver então que, quando a segunda parte das *Considerações extemporâneas* tenta interrogar “a utilidade e a desvantagem da história para a vida”, é também a questão da cultura que está posta – não, evidentemente, aquela no sentido de um fenômeno estritamente biológico – isto é, como Nietzsche insiste de maneira reiterada, é a questão da vida não apenas do indivíduo, mas também “de um povo, de uma cultura”.

3 – A partir dos dois primeiros pontos, vemos Nietzsche insistir numa distinção que percorre o conjunto das *Considerações extemporâneas* e constitui uma de suas preocupações maiores. Essa distinção diz respeito à cultura individual e opõe à idéia de *Bildung*,

entendida como formação de um indivíduo em sua plenitude, a idéia de *Belehrung*, entendida simplesmente como instrução teórica. Conforme já presente na primeira *Consideração extemporânea*: “o fato de muito saber e de ter aprendido muito não é nem um instrumento necessário, nem um signo da cultura”; nós não temos uma cultura, lamenta Nietzsche, mas apenas um “saber sobre a cultura” (CoExtI § 1, KSA 1.169 e segs.).

4 – Isso nos envia à questão da ciência e da sobrevalorização do teórico, algo já denunciado em *O nascimento da tragédia*. Se a filosofia está “na miséria”, se a história é um “perigo”, é precisamente porque elas são definidas como simples ciências, porque não consideramos as tramas práticas, vitais, numa palavra, culturais no sentido autêntico do termo.

O que prejudica a ciência, segundo Nietzsche, é a recusa de toda axiologia, hierarquia, escolha e mesmo toda direção e unidade de estilo. Contra “o instinto de conhecimento ilimitado” que caracteriza a ciência, é preciso repensar a filosofia como um “instinto de conhecimento seletivo”, uma “instância de escolha”.

A percepção das grandes linhas diretoras permite compreender melhor qual é a unidade das *Considerações extemporâneas* no seu conjunto – unidade não sistemática, visto que inacabada (e, digase, impossível de se acabar, visto que os sintomas estudados são em número quase indefinidos). É como filósofo-médico e na perspectiva de uma transformação da cultura, isto é, dos valores que enquanto condições de vida, que Nietzsche procura investigar o valor dos valores da cultura atual, por meio do exame de diversos sintomas típicos desta cultura, relativo a domínios culturais diferentes: literatura, história e ciência, filosofia e arte.

Podemos notar, outrossim, que há uma estrutura muito própria nas quatro *Considerações extemporâneas*:

– As duas últimas *Considerações extemporâneas* [*Schopenhauer como educador, Richard Wagner em Bayreuth*] têm por alvo dois indivíduos que foram pouco reconhecidos pela atual cultura por serem desde cedo figuras de exceção no centro da cultura moderna. E por isso, conforme o *Ecce Homo*, as figuras de Schopenhauer e Wagner podem ser tidas como figuras extemporâneas, como “antecipadores de uma concepção mais elevada de cultura”.

– As duas primeiras *Considerações extemporâneas* [*David Strauss, o devoto e o escritor e Da utilidade e desvantagem da história para a vida*], ao contrário, interrogam e “atacam” aquilo que aparece como vitorioso e unânime no centro da atual cultura, a fim de manifestar suas insuficiências. O sucesso literário da obra de David Strauss junto ao público dito “cultivado” é percebido como sintoma duma perigosa auto-insatisfação do homem moderno frente a uma cultura que não é ainda uma (o que Nietzsche nomeia de “filisteu da cultura”).

A segunda parte das *Extemporâneas*, por sua vez, procura examinar um sintoma que não necessita de nenhuma “lente de aumento”, porque esse sintoma está em toda a obra e em todo lugar: a supervalorização da “cultura histórica”, e, modo mais geral, do conhecimento histórico, indevidamente tido como sinônimo de “cultura”.

(3) *A segunda parte das Considerações extemporâneas (redigida em setembro-outubro de 1873)*

Se a segunda parte das *Considerações extemporâneas* pode aparecer como central (o que não quer dizer que as outras três não tenham importância), é porque ela literalmente constitui, de alguma maneira, um lugar de extrema importância no que concerne ao caráter *extemporâneo* do projeto nietzschiano, como podemos notar no prefácio deste livro.

O paradoxo deste livro consiste no fato de nele se encontrar ao mesmo tempo (1) um questionamento da supervalorização da história, no sentido (sem dúvida, estreito) que a época moderna atribuiu a ele, isto é, como uma disciplina particular, e (2) como decorrência não de uma recusa radical de todo valor da história, mas, ao contrário, como a possibilidade de repensar o estatuto e mesmo o valor possível da história.

Revisitando este texto no prefácio do segundo volume de *Humano, demasiado humano*, Nietzsche dirá explicitamente: “O que eu disse contra a doença histórica, eu digo do homem que aprendeu a se curar lenta e dolorosamente, e não tinha a intenção de renunciar doravante à ‘História’ para poder sofrer outra vez” (MAII/HHII, Prólogo, § 1, KSA 2.370). É por essa razão – em virtude dessa crítica a certo sentido da história que tem em vista ao mesmo tempo o sentido e o valor – que este texto tem uma característica estrutural dupla:

1- De início, ele é estruturado segundo uma distinção essencial entre a história pensada como **a)** modo de pensamento singular indissociável de uma maneira particular de viver ou como “sentido histórico” (o que encontramos na primeira seção, §1 a 3), e **b)** a história como “conhecimento” ou “ciência” cujo valor será puramente teórico, residindo em sua verdade e sua objetividade (o que encontramos na segunda seção, §4 a 8).

Vemos então uma estrutura que se reflete, visto que, se, de um lado, Nietzsche mostra que a historicidade que está a serviço da vida se realiza sempre em detrimento da “verdade”, da exatidão e do próprio passado, de outro lado, Nietzsche mostra que a historicidade que pretende à exatidão, à verdade e à objetividade é de fato tão pouco “objetiva” como as precedentes; ainda mais, ela apresenta um perigo dobrado: não atingindo uma verdade absoluta, ela promove um obstáculo ao crescimento da vida.

2- A segunda notação importante que concerne à estrutura, da obra foi chamada de refletividade. É como historiador, ao menos como “discípulo de épocas mais antigas” (enquanto pensador “extemporâneo”), que Nietzsche interroga o valor da história. É isso que lhe permite, por exemplo, comparar redução moderna da história a um simples conhecimento, com os usos antigos da história (a história “monumental” de Políbio, por exemplo, que encoraja à ação e não apenas ao conhecimento). Se a época moderna é abalada pela “febre histórica”, apenas poderemos curar essa febre se repensarmos e avaliarmos finamente os diferentes usos da história para a vida. Conforme claramente afirma Nietzsche:

A história deve resolver o problema da história, o saber deve voltar seu dardo contra ele próprio. Essa obrigação constitui o imperativo do espírito dos “novos tempos”, se eles forem os verdadeiros portadores de uma vida nova, forte e original (CoExtII §8, KSA 1.302 e segs.).

A história é não apenas vício, mas também virtude, como diz o prefácio. Mais radicalmente ainda, ela é ao mesmo tempo veneno e remédio, ela é de alguma maneira seu próprio remédio, mas somente se for retomada por um pensador capaz de avaliar diferentes formas e diversos usos, tendo em vista um crescimento da vida e uma avaliação do homem e da cultura.

Abstract: Based on the analysis of the meaning of “meditation” and “untimely”, this article aims to point to the centrality of the second part of the *Untimely Meditations*, *On the use and abuse of history for life*, considering there to establish a close relationship between philosophy and history.

Key-words: history – meditation – untimely – philosophy – culture

referências bibliográficas

1. BREAZEALE, D. “Nietzsche, critical history and ‘*das Pathos der Richtertum*’”. In: *Revue Internationale de Philosophie*, n.1, 2000, p.57-76.
2. GRANIER, J. *Le problème de la vérité dans la philosophie de Nietzsche*. Paris: Seuil, 1963.
3. JANZ, C. P. *Nietzsche. Biographie*. Paris: Gallimard, 1984.
4. KOFMAN, S. “Le/lês ‘concepts’ de culture dans les Intempestives”. In: *Nietzsche aujourd’hui?* Paris: UGE, t.2, 1973.
5. NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe (KSA)*. Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim: Walter de Gruyter & CO., 1988. 15v.
6. ———. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe (KSAB)*. Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim: Walter de Gruyter & CO., 1986. 8v.
7. ZUCKERT, C. H. “Nature, history and the self: Friedrich Nietzsche’s Untimely Meditations”. In: *Nietzsche Studien*, Berlim, Walter de Gruyter, n. 5, 1976, p.55-82.